

# Golbery: Preâmbulo para um enigma

José Amaral Argolo

*Doutor em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), Pós-Doutorado em Jornalismo (ECA-USP), Professor Associado da Escola de Comunicação da UFRJ e Assessor Permanente do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra.*

## Resumo

Anotações sobre as relações entre Golbery do Couto e Silva e a Imprensa durante os governos militares — Para uma tentativa de (des)construção da mais conhecida *Eminência Parda* do Regime que se seguiu à deposição do Presidente João Goulart — A Escola Superior de Guerra e sua importância na formulação de políticas de Estado.

**Palavras-Chave:** História das Revoluções Brasileiras. Pensamento Político e Militar no Brasil Contemporâneo. Imprensa Brasileira. Governos Militares Pós-1964. Jornalismo Especializado.

## Abstract:

Notes on relations between Golbery do Couto e Silva and the Press during the military governments — In an attempt to (de)construction of the best known *eminence grise* of the Regime that followed the overthrow of President João Goulart — The National War College and its importance in the formulation of state policies.

**Keywords:** History of Brazilian Revolutions. Brazilian Military and Political Thought in Contemporary Brazil. Brazilian Press. Military Post-1964 governments. Specialized Journalism.

Personagem emblemática, Golbery do Couto e Silva projetou-se como estrategista político e autor de uma tese polêmica e premonitória intitulada *Conjuntura Política Nacional — O Poder Executivo*, apresentada em 1980 durante conferência na Escola Superior de Guerra (ESG), cujos extratos sobre os movimentos pendulares de compressão e decompressão do Poder no Brasil foram publicados como apêndices

à Geopolítica do Brasil (Editora José Olympio [trabalho esse ainda hoje debatido nas universidades]).

“Gênio da Raça”, na acepção de Glauber Rocha; *eminência parda* do Regime Militar para muitos cientistas políticos e parlamentares; fabricante de nuvens e mago da abertura, segundo jornalistas, trabalhou árdua e continuamente junto de algumas das maiores expressões da vida pública nacional.

À luz do noticiário, procura-se ressaltar neste artigo a participação discreta e eficiente do ex-ministro-chefe do Gabinete Civil em alguns momentos importantes da História Política do País. Seja durante o turbilhão provocado pela intempestiva renúncia do Presidente Jânio Quadros (1961); na arquitetura da articulação contra o Presidente João Goulart (até 1964); como oficial altamente qualificado e criador do Serviço Nacional de Informações (SNI); sobre o qual veio comentar tempos depois: “criei um monstro”; na qualidade de bem sucedido diretor de uma empresa transnacional; no terremoto militar que culminou com a exoneração do ministro do Exército, general Sylvio Frota — em plena administração Ernesto Geisel; e até sua morte em 1987, sempre procurado (e, muitas vezes, adulado!) nas épocas de crise; ora estimulando a conciliação nacional, ora avaliando com a precisão de um relojoeiro as marés da conjuntura.

Golbery integrou o Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra (ESG) em um período marcado por duas turbulências de intensidade máxima na História Republicana; resumidamente: deposição do Presidente Getúlio Vargas (1954) e o denominado *Putsch Lott* (1955). Nesse ínterim, atuou com dedicação e em tempo integral para a consolidação de uma Doutrina de Segurança Nacional autóctone, elaborada graças ao empenho de brasileiros ilustres por ele próprio citados. Seu relato:

*Sob a orientação de homens como Juarez Távora e Cordeiro de Farias — espírito empolgado e visionário, um; inteligência pragmática e sutil, o outro — mourejavam lado a lado, horas a fio e até varando noites, militares como Ernesto Geisel, Jurandir de Bizarria Mamede, Antonio Herrera, Rodrigo Octavio e Dorval Reis, diplomatas como Jose Eulálio e Mario Escorel, técnicos como Fábio Macedo Soares Guimarães, ao estímulo do convívio de estagiários da estatura de um Mario Pedrosa ou de um José Honório Rodrigues, para não citar nomes de quem se viria a afastar de nós por contingências dissociadoras naturais dos períodos dinâmicos das revoluções, sempre apaixonantes e sempre dramáticas, quase nunca justas.*

Complementando:

*Aqui senti, então, a trepidação contagiante da criatividade que inspirava esta Escola, na Elaboração de uma Doutrina de Segurança Nacional novinha em folha, autóctone de fato, por mais que nada alheia ao que se formulava justo naquele momento nos laboratórios estratégicos mais adiantados do mundo.*

Curiosamente, embora Golbery do Couto e Silva tenha assegurado prestígio como pesquisador da Geopolítica e das questões nacionais, seus livros não representaram fenômenos de vendagem. Contraditoriamente, o que se observou foram tiragens reduzidas e esparsos comentários nas mídias (o mais abrangente: *Tese e Prognóstico*, elaborado por José Honório Rodrigues e publicado no Jornal do Brasil, versando exatamente sobre a conferência supra-assinalada).

De inestimável valia para a elaboração desse texto foram as consultas às coleções de O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, Veja e IstoÉ. Da mesma forma que esse, outros trabalhos prospectivos, seja na esfera acadêmica e/ou jornalística somente puderam ou poderão vir a ser materializados graças às informações difundidas e/ou disponibilizadas por intermédio dos Centros de Memória e Documentação da Imprensa Brasileira.

## **Golbery, a Escalada**

Golbery do Couto e Silva nasceu (sob a égide de *Leão*) no dia 21 de agosto de 1911, na cidade gaúcha de Rio Grande. Governava o País, na época, o marechal Hermes da Fonseca, o mesmo oficial que, um ano antes, reprimira a *Revolta dos Marinheiros* liderada por João Cândido.

Aos dezesseis anos, em abril de 1927, ingressou na Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro. Começava, naquele momento, a *escalada* que levaria o filho do professor Jacintho do Couto e Silva Júnior e de Henriqueta Menezes do Couto e Silva a ocupar, 37 anos depois, funções de destaque na administração da República.

Aluno dedicado classificou-se em primeiro lugar na sua turma e, em 22 de dezembro de 1930, foi declarado aspirante a oficial da Arma de Infantaria. Após indicação para servir no 9º Regimento de Infantaria em Pelotas, foi promovido a segundo-tenente e, imediatamente, lotado no QG da 6ª Brigada de Infantaria. Um ano depois, já como primeiro-

tenente (1932), participou de operações militares durante a *Revolução Constitucionalista*. Em seguida ao conflito, veio transferido para a Diretoria de Material Bélico, no Rio de Janeiro.

Conquistadas, em maio de 1937, as estrelas de capitão, Golbery foi para a Artilharia Divisionária da 5ª Região Militar (Curitiba). Era intensa a turbulência política no Brasil; tanto assim que Belmiro Valverde e outros integralistas chefiados por Plínio Salgado planejaram um ataque ao Palácio do Governo com o propósito de assassinar Getúlio Vargas. Este, por intermédio de um *coup de main*, determinara o fechamento dos partidos políticos.

Em 1939, quase às vésperas do ataque da *Wehrmacht* à Polônia (fato que desencadeou a Segunda Guerra Mundial), Golbery publicou um pequeno volume intitulado *O Tiro de Morteiro*, prontamente enviado a todas as unidades do Exército no País e, um ano depois, em 1940, foi redistribuído para o 13º Batalhão de Caçadores em Joinville, Santa Catarina.

Em dezembro de 1941, aprovado nos exames de admissão à Escola de Estado-Maior e concluindo o curso em 1943, serviu no Estado-Maior da 3ª Região Militar, em Porto Alegre. Em junho de 1944, já promovido a major, estagiou em *Fort Leavenworth* nos Estados Unidos da América. Em seguida, como oficial de Informações, participou da campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália.

De volta ao Brasil, em outubro de 1945, foi designado oficial de Operações da 3ª Região Militar; em maio de 1946, retornou ao Rio de Janeiro para servir no Estado-Maior do Exército. De 1947 a 1950 integrou a *Missão Militar Brasileira* no Paraguai e, ao regressar ao País, exerceu a função de Adjunto da Seção de Informações do Estado-Maior.

Promovido, em 1951, por merecimento, a tenente-coronel, trabalhou, em uma primeira fase como Adjunto no Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra (Divisão de Assuntos Educacionais) e, posteriormente, na Divisão Executiva. Comandava, então, a ESG o general Juarez Távora, indubitavelmente um dos mais politizados oficiais do Exército Brasileiro.

Em 1952, engajou-se em uma surda luta política. Acredita-se que tenha sido ele um dos redatores do *Manifesto dos Coronéis*. Este documento firmado, em 1954, por 82 coronéis e tenentes-coronéis, e encaminhado ao Ministro da Guerra, general Ciro do Espírito Santo Cardoso, forçou o Presidente Getúlio Vargas a demitir o seu Ministro do Trabalho, João Goulart.

O motivo: Goulart recomendara ao Presidente o aumento de 100 por cento sobre o salário mínimo, fato este confirmado pelo próprio Vargas em seu Pronunciamento à Nação no dia Primeiro de Maio.

A autoria de dois outros manifestos de importância histórica foi atribuída a Golbery. O primeiro contra o Presidente Getúlio Vargas e o segundo, divulgado em agosto de 1961, assinado pelos ministros militares: Grün Moss (Aeronáutica), Silvio Heck (Marinha) e Odílio Denys (Exército)<sup>1</sup>. Neste último, consumada a renúncia de Jânio Quadros, eram apresentados argumentos destinados a impedir a posse de João Goulart. Alguns dos seus críticos dizem que ele teria inclusive solicitado a juristas a elaboração de um *Ato Adicional* com o propósito de bloquear a sucessão presidencial.

Tempos depois, Golbery admitiu, numa de suas raras entrevistas, ao historiador Alfred Stepan, que os esforços destinados a impedir a posse de João Goulart tinham sido ineficazes. Golbery:

*Mas a partir daí nós decidimos que somente tentaríamos derrubar Goulart quando a Opinião Pública estivesse claramente a nosso favor<sup>2</sup>.*

Em 1955, contrário ao *Putsch* Militar deflagrado pelo general Henrique Duffles Teixeira Lott (ministro da Guerra), Golbery do Couto e Silva foi mantido preso durante oito dias e, em seguida, transferido, à semelhança de outras centenas de oficiais redistribuídos para unidades distantes do centro de decisões da República, para o QG da Artilharia Divisionária da 4ª Região Militar, em Belo Horizonte. Sua promoção a coronel foi assinada um ano depois, em março de 1956. Classificado no Estado-Maior do Exército, ali permaneceu até 1960, quando passou a chefiar a Seção de Operações do Estado-Maior das Forças Armadas.

A animosidade política contra João Goulart não o impediu — vitorioso o *Movimento Militar de Março de 1964* — de enviar um passaporte brasileiro ao ex-presidente da República, ao saber que estava sendo ameaçado de morte na Argentina.

## **A Longa Espera**

Antes de março de 1964, Golbery foi um dos coordenadores do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), criado por lideranças

empresariais paulistas e cariocas. No Rio de Janeiro ele chefiava o Grupo de Levantamento de Conjuntura (GLC), considerado o cérebro do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBADE). O cientista político e historiador René Dreifuss (1964 — *A Conquista do Estado*) observou que competia ao GLC:

*Analisar a evolução dos temas políticos a nível nacional e internacional em setores relevantes. Seus integrantes desenvolviam, também, trabalhos e estudos nos campos social e econômico*<sup>3</sup>.

Fundamentado nesses estudos, o IPES tinha, entre as suas diretrizes, influenciar os demais campos de atuação que se fizessem necessários. Outras seções do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (que ocupava 13 salas no 27º andar do Edifício Avenida Central e dispunha de gravadores especiais e equipamentos capazes de proceder à escuta de aproximadamente três mil telefones no Rio de Janeiro, como assegurou Glycon de Paiva, um dos fundadores do IPES) eram orientadas em relação aos objetivos fixados dentro de prazos determinados.

A participação de Golbery do Couto e Silva foi destacada. O próprio Glycon de Paiva disse, certa vez, que o general fez a parte cerebral da tomada do poder, acrescentando: “sem o seu trabalho não teria sido possível a *Revolução de Março de 1964*”<sup>4</sup>.

Golbery elaborou ainda um estudo minucioso no qual explicava o modo como os comunistas influíam na administração do ex-presidente João Goulart e elencava os procedimentos que deveriam ser adotados para combatê-los.

Incansável, coordenava o *Grupo de Opinião Pública* que (cf. René Dreifuss) tinha como atribuições:

*Proteger a segurança do Instituto, disseminar as observações dos grupos de estudos e doutrina do Rio de Janeiro e São Paulo, projetar doutrina — o que envolvia a realização dos princípios e objetivos básicos do IPES — e retroalimentar com avaliações e dados o GLC*<sup>5</sup>.

Cabia finalmente a Golbery apresentar os oficiais conspiradores aos empresários e industriais que, secretamente, ajudavam financeiramente o IPES<sup>6</sup>.

## “Vale o escrito”

À semelhança de outros oficiais, Golbery era arredo à Imprensa. Raramente concedia entrevistas e resumia assim o seu pensamento: “tudo o que acho e penso está retratado em meus artigos”<sup>7</sup>.

Luiz Nassif, secretário de Redação da *Folha de S. Paulo*, na época, escreveu, certa vez, que Golbery era normalmente avesso a entrevistas por motivos de ordem prática: “porque nunca lhe faltaram porta-vozes e porque o mistério lhe fazia bem”, acrescentando:

*Não fosse o mistério, há muito que a Opinião Pública teria tomado conhecimento de que o estrategista infalível, o pensador capaz de esculpir a Nação, não passava de invenção de uma certa Imprensa*<sup>8</sup>.

O articulista referia-se àqueles jornalistas que disputavam as frases e pensamentos do general com a “voracidade das viúvas apaixonadas”<sup>9</sup>, arrematando:

*Um deles, em uma exemplar demonstração de perspicácia, descobriu que Golbery gostava do verbo arrostar. Outro, pescou da boca do seu lugar-tenente, Heitor de Aquino, a definição segundo a qual Golbery não fazia chover, mas sabia formar nuvens*<sup>10</sup>.

Mordaz, o ex-governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, costumava espicaçá-lo com alguns comentários do gênero: “tudo o que ele faz dá errado”<sup>11</sup>, ou “O SNI não funciona às segundas-feiras porque nesse dia não circulam os principais jornais e não há o que recortar”<sup>12</sup>.

Lacerda, tribuno brilhante, acabou tendo os seus direitos políticos cassados quando enfrentou, atabalhoadamente, o general Humberto de Alencar Castello Branco e, em seguida, o general Arthur da Costa e Silva.

Outros parlamentares também despejavam, sempre que possível, farpas na direção do ministro-chefe do Gabinete Civil, principalmente durante as administrações Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo. Frequentemente aludiam à sua pretensa volúpia pelo Poder. Ulysses Guimarães e Tancredo Neves incluíam-se entre os mais ferinos; o primeiro, porém, conhecia-lhe o talento; quanto ao segundo, antes de iniciar a breve caminhada que o levaria à Presidência da República... e à morte, afirmou:

*...Depois do presidente Getúlio Vargas, ao longo da minha vida política, não conheci outro homem que tivesse tanta fome de poder, um poder que ele exerce com competência e volúpia<sup>13</sup>.*

Aliás, a respeito, comentou Walder de Góes em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*:

*É verdade que Golbery sempre se esmerou, competentemente, na arte de manter o poder. No entanto, jamais deixou de legitimar essa habilidade, ao apresentar-se como um formulador político que impressionava ouvintes sofisticados ao expor seus projetos de desenvolvimento para o Brasil<sup>14</sup>.*

O jornalista Hélio Fernandes costumava atacá-lo constantemente, chamando-o provocativamente de Golbery do *Colt* e Silva. Em um dos seus inúmeros artigos contrários ao regime, ressaltou a pretensão do ex-chefe do Gabinete Civil de se transformar em teórico “seja lá do que for”, ressaltando sua ambição extrema pelo Poder:

*Ele tinha o sonho do Poder, a ilusão do Poder, a fome desmesurada do Poder. Que só foi surgir no fim da vida, pelo menos no fim da vida militar, quando já estava na Reserva, pela certeza de que não passaria jamais do posto em que estava<sup>15</sup>.*

Ao discorrer sobre o tempo, que julgava necessário, para a deflagração de um golpe de Estado, ele próprio, Hélio Fernandes, considerou essencial, para tanto, o somatório da competência individual além de um mínimo de três anos de articulação. O jornalista enfatizou (injustamente, penso!) que todos os movimentos que, por algum motivo, receberam a participação ou apoio de Golbery, não tiveram preparação e aconteceram ao acaso.

No artigo supra-assinalado, Hélio Fernandes argumentou: “o general Golbery somente ajudou a empurrar os carros dos conspiradores de 1964”, citando Jayme Portella, Arthur da Costa e Silva, Syzeno Sarmiento e os irmãos Orlando e Ernesto Geisel, finalizando:

*Só assim ele ganhou a partida saindo do ostracismo no qual vivera a vida toda. E até hoje vive dos juro do golpe, curiosamente no qual não investiu capital algum. Nem a segurança e a estabilidade da própria carreira militar, pois estava na Reserva, de pijama, há três anos<sup>16</sup>.*



## Formando o Poder Militar

A amizade com Ernesto Geisel constitui outro subtópico importante na trajetória de Golbery do Couto e Silva. Ambos trabalharam muito tempo juntos e, durante o Governo Eurico Gaspar Dutra, contribuíram significativamente (de *per si*) para a implantação da Escola Superior de Guerra.

Em seguida, por ocasião da campanha política em que o marechal Henrique Lott e Jânio Quadros disputaram a Presidência da República, o primeiro foi substituído, no Ministério da Guerra, pelo general Odílio Denys, o qual convidou o, então, coronel Ernesto Geisel para chefiar seu Gabinete.

Vitorioso Jânio Quadros, Odílio Denys teve assegurada a permanência no cargo enquanto Ernesto Geisel era designado para o Comando Militar de Brasília. Por sua vez, Golbery assumiu a chefia do Gabinete do Conselho de Segurança Nacional (desse modo reportando-se diretamente ao Presidente), cargo que ocupou até o dia 25 de agosto de 1961, data da renúncia de Jânio Quadros. Desiludido com a posse de João Goulart, solicitou passagem para a Reserva, beneficiado (na época, essa era praxe) com o soldo de general-de-divisão. Quanto aos irmãos Ernesto e Orlando Geisel, mantiveram-se no serviço ativo.

Vitorioso o *Movimento de Março de 1964*, Golbery recebeu convite para estruturar e chefiar o novo Serviço de Informações; deixando o cargo no final da administração Castello Branco, devido a divergências com o general Arthur da Costa e Silva (seu sucessor à frente do SNI foi o general Emílio Garrastazu Médici). Afastado do *centro de decisões*, mas não dos amigos que sempre o apoiaram, foi nomeado para uma vaga de ministro do Tribunal de Contas da União, ali permanecendo até 1969.

Golbery atuou, em seguida, durante algum tempo, no campo da consultoria e presidiu a *Dow Química*, empresa subsidiária da *Dow Chemical*, uma das maiores multinacionais do setor petroquímico.

Retornou ao Poder em 1974, para ocupar uma vaga de Ministro do Superior Tribunal Militar, quando Ernesto Geisel, que pedira exoneração do cargo devido à escolha de Arthur da Costa e Silva para a Presidência da República, sucedeu o general Emílio Garrastazu Médici na chefia do Executivo.

Pelo interesse histórico vale recordar esta que foi uma das mais complexas operações de desinformação nos bastidores palacianos, como

registrou A. C. Scartezini em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*<sup>17</sup>:

*Seria difícil negar a versão histórica de que Figueiredo foi colocado como chefe do Gabinete Militar do então presidente Médici para manter seu apoio à candidatura Geisel. Se Médici tivesse a certeza da ligação entre Golbery e Geisel, vetaria este como seu sucessor. Mas encarregando Figueiredo de verificar se a relação ainda existia, o chefe do SNI informou ao presidente que tal havia desaparecido, favorecendo a aceitação de Geisel como presidente.*

Esse plano foi bem sucedido porque, naquele instante, eram notórios os esforços destinados a alavancar a candidatura João Baptista Figueiredo para substituir Ernesto Geisel. Fortalecido com a ascensão do antigo companheiro de lutas, Golbery recuperou sua importância como *eminência parda* do Regime.

Aliás, sobre esse qualificativo, o próprio Ernesto Geisel observou:

*A figura de Golbery como eminência parda não passava de uma lenda. Ele era apenas uma pessoa competente e franca que adquiriu repulsa à idéia de que conduzia diretamente às decisões<sup>18</sup>.*

Esta condição persistiu quando Golbery, já exercendo a chefia do Gabinete Civil, convocou para atuar na administração federal a sua equipe de confiança. Na gestão de Ernesto Geisel, ele e o general-presidente empreenderam o projeto de *distensão lenta e gradual* que buscava sustentação na sociedade civil e apoio junto ao *Movimento Democrático Brasileiro*, o qual, por sua vez, congregava a oposição parlamentar ao Governo contra a chamada *linha-dura* liderada pelo general Sylvio Frota.

A primeira grande vitória, nessa direção, foi a exoneração *ad nutum* do comandante do 2º Exército (SP), general Ednardo D'Ávila Mello, após as mortes — em circunstâncias mais do que suspeitas, nas instalações do Centro de Operações de Defesa Interna (Codi) — do jornalista Vladimir Herzog da *TV Cultura* de São Paulo (outubro de 1975), e do operário Manuel Fiel Filho (janeiro de 1976).

O segundo grande embate, decidido a portas fechadas por Ernesto Geisel, aconteceu na tarde de 12 de outubro de 1977, e resultou na demissão do Ministro do Exército, general Sylvio Frota, que pretendia candidatar-se à Presidência da República e contava com forte apoio entre os militares.

Esse combate à *linha-dura* proporcionou compensações políticas a Golbery. Por exemplo, levou o cineasta Glauber Rocha a ingressar no partido do Governo, mas não sem antes rotular o general de “*gênio da raça*”. Todo esse esforço destinado a viabilizar a *abertura*, incluindo a articulação para colocar um ponto final na vigência do Ato Institucional número 5, levou o próprio Golbery a comentar:

*Ou dá certo, o que não é fácil, ou começará um período de endurecimento que durará um tempo indefinido, ao fim do qual estaremos todos nos postes. Todos não, porque eu estou velho*<sup>19</sup>.

### **No temporal**

Durante o governo do general João Baptista Figueiredo, seu velho companheiro de lutas políticas, Golbery do Couto e Silva desempenhou papel relevante como articulador junto à corrente liberal que conquistava terreno entre os militares.

Carlos Chagas, articulista político da *Folha de S. Paulo*, costumava ressaltar as diferenças na metodologia de trabalho de Ernesto Geisel e de João Figueiredo. Segundo o jornalista, Ernesto Geisel apresentava figurino diverso dos presidentes anteriores no pós-64.

*Concentrou tudo, ou quase tudo, primeiro deixando de manter o irmão (Orlando Geisel) no Ministério do Exército, depois, cuidando pessoalmente da administração e da economia. Não era apenas o presidente, mas o ministro de todos os ministérios, o diretor de todos os departamentos, o chefe de todas as seções do serviço público e privado*<sup>20</sup>.

O mesmo articulista observou que, embora “onipotente e até tronitoante, o ex-presidente Ernesto Geisel nem por isso enfeixava sozinho o Poder”.

*A seu lado, como estrategista e conselheiro, via-se o general Golbery do Couto e Silva, reconduzido do ostracismo para o primeiro plano das elaborações estratégicas. Mais do que formalmente, no entanto, o chefe do Gabinete Civil se subordinou ao presidente, este não apenas com a última, porém quase sempre com a primeira palavra*<sup>21</sup>.

De outra parte, a propósito de João Figueiredo, escreveu Carlos

Chagas que *ele era o Poder*, mas com a seguinte ressalva:

*No entanto, se ele não se apresenta — como Emilio Garrastazu Médici — tão indiferente diante dos fatos, ou sensível a todas as sugestões de seus auxiliares, também não repete Ernesto Geisel, ou seja, não enfeixa todos os processos e decisões. Divide o Poder, reservando-se às deliberações formais e finais, ainda que, conscientemente, deixando-se sugestionar tanto pela inteligência, competência e experiência do general Golbery do Couto e Silva, quanto por necessidades do sistema, encarnadas pelo ministro do Exército, Walter Pires, ou pelo chefe do SNI, general Octávio Medeiros<sup>22</sup>.*

Contra os dois ex-presidentes, Golbery arremessou tempos depois uma série de farpas. Definiu João Figueiredo como um “homem politicamente morto que não soube assumir a função de estadista”<sup>23</sup>, e condenou Ernesto Geisel por sua indefinição tanto no processo da *Distensão* política como na sucessão de João Figueiredo (ocasião em que Paulo Maluf, candidato do PDS, foi derrotado por Tancredo Neves no *Colégio Eleitoral*).

A bem da verdade, o governo João Figueiredo foi prejudicado por uma série de ações extremistas que desaguararam no *Episódio Riocentro* (na noite de 30 de abril de 1980), ocasião em que morreu o sargento especialista Guilherme Pereira do Rosário e ficou gravemente ferido o capitão Wilson Luiz Chaves Machado, ambos classificados no Centro de Operações de Defesa Interna (CODI) do 1º Exército.

A saída repentina de Golbery do Governo a 6 de agosto de 1981, após nele permanecer — incluindo a administração Ernesto Geisel — exatamente sete anos, quatro meses e vinte e um dias, foi traumática e deixou surpresas algumas personalidades da vida pública. *Veja* registrou:

*O ministro do Trabalho, Murillo Macedo, jantava na casa do empresário Dilson Funaro, em São Paulo, quando lhe foi servida a notícia. O ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, estava num cinema em Brasília quando o resto do País foi posto bruscamente diante de um drama que poderá mudar o curso de sua História. O presidente do Senado, Jarbas Passarinho, permanecia entretido em assuntos políticos, no Pará. O senador José Sarney recebeu a notícia no fim da noite de quinta-feira. E o estrondo da revelação demorou a ecoar no Congresso, imerso na sonolência que marca os prolongados fins de semana na Capital federal<sup>24</sup>.*

Como de hábito, não faltaram especulações. Velho amigo de Golbery, o médico Guilherme Romano enumerou algumas razões: a crença de que o processo de desestatização deveria obedecer a critérios

políticos; a hesitação do Governo em conceder o décimo - terceiro salário ao funcionalismo público; a constatação de que medidas saneadoras não tinham sido tomadas em relação à Previdência Social; o descontrole de algumas empresas e o insucesso nas gestões feitas para *desaquecer* o Programa Nuclear<sup>25</sup>.

Outros fatores teriam igualmente contribuído para acelerar essa decisão: o constrangimento manifestado por Golbery em face de uma reprimenda do Presidente João Figueiredo, no sentido de que *admitia sugestões, mas não tutela*, e a não aceitação de uma proposta de reforma administrativa devido à incapacidade de alguns em sua formulação, e do interesse de outros em candidatarem-se a cargos eletivos<sup>26</sup>. Na esfera militar, Golbery desaprovava a indicação do general Coelho Neto para o cargo de chefe de gabinete do Ministro Walter Pires (Exército) e a saída do general Henrique Beckmann Filho no comando do 2º Exército (São Paulo).

Como consequência do impacto provocado junto à cúpula do Governo, somente em 8 de agosto, ou seja, dois dias depois de encaminhar ao Presidente João Figueiredo sua carta de demissão, o Gabinete Civil da Presidência da República divulgou breve comunicado à Imprensa informando que *“Por motivo de caráter estritamente pessoal, em grande parte de foro íntimo — objeto de confiança feita ao senhor presidente da República em meados do mês findo — o ministro Golbery do Couto e Silva solicitou dispensa do cargo de chefe do Gabinete Civil”*.

De todos os que se pronunciaram sobre a *exoneração* do general Golbery e a relevante perda para o Governo Figueiredo, o comentário mais veemente foi o do senador Tancredo Neves, em Belo Horizonte: *“Estamos todos perdidos!”* exclamou, tão-logo soube da notícia<sup>27</sup>.

### **Antes do crepúsculo**

Na *Babel* política subsequente, Golbery apoiou Paulo Maluf, o qual, por sua vez, *pulverizou* o ex- Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, na Convenção do PDS, e foi derrotado logo depois no *Colégio Eleitoral* por Tancredo Neves, candidato da *Aliança Democrática*.

Presumia o ex-chefe do Gabinete Civil que a reeleição de João Figueiredo (hipótese largamente cogitada) seria desastrosa para o País e, segundo essa mesma lógica, sequer admitia como válida a prorrogação do mandato presidencial. Como tantas outras expressões do meio

parlamentar e do mundo empresarial, sabia que o quadro político nacional estava realmente confuso. Se eleito Presidente da República, Mário Andreazza representaria a continuidade do sistema.

Andreazza tinha, na ocasião, o apoio declarado de três ministros: Octávio Aguiar de Medeiros (SNI), Danilo Venturini (Assuntos Fundiários) e Leitão de Abreu (Gabinete Civil).

Paulo Maluf, embora não dispusesse do apoio popular, poderia sugerir, segundo Golbery, modificações substanciais na superestrutura do Poder. Outra alternativa seria o vice-presidente Aureliano Chaves, cujas bases políticas eram frágeis em relação a Tancredo Neves.

Ao endossar a campanha pelas *Diretas Já* em todos os níveis, imaginava Golbery do Couto e Silva que essa concessão proporcionada pelo regime satisfaria as aspirações de muitos parlamentares, contribuiria para a educação política da sociedade e respaldaria o futuro governante.

Disse ele (em 1984) ao jornalista Élio Gaspari:

*A campanha das Diretas tem um lado atraente e outro perigoso. Vamos começar pelo atraente. Os comícios e as marchas foram um magnífico espetáculo de civismo. Foram manifestações raras e empolgantes, com entusiasmo, alegria e humor. Havia neles um agradável tom de festa popular. Foi admirável a ordem mantida pela autodisciplina dos cidadãos, da mesma forma que as manifestações foram bem organizadas e bem comandadas. Foram verdadeiros showmícios. Deu-se uma demonstração de alta maturidade das massas (...)*<sup>28</sup>.

Quanto ao lado perigoso:

*Ele está na crescente incitação e na escalada de intoxicação emocional verificada durante as manifestações, nas quais se sentiu também uma mudança gradativa de tom nos palanques. Com o tempo cresceram a agressividade e a arrogância de muitos oradores. A arrogância deu-se, sobretudo, quando se acenou à multidão com a certeza de uma vitória que os organizadores da campanha e os oradores inflamados sabiam improvável, para não dizermos impossível. Mistificou-se também o número de manifestantes. Sem dúvida, essa campanha mobilizou o maior número de pessoas já visto no País, mas ainda assim ficamos longe das cifras pantagruélicas que ajudavam a aumentar o entusiasmo dos comícios seguintes. O slogan fácil — Diretas Já — ajudava, numa repetição intoxicante e mágica, mas a esses ingredientes, que podemos chamar de emocionais, juntaram-se ameaças concretas e desarrazoadas*<sup>29</sup>.

Reconheceu, embora tardiamente, que o período de autoritarismo não somente fora excessivamente longo, como a fase mais oportuna para as eleições acontecera durante o Governo Médici, quando “além da

euforia permanente, havia satisfação econômica”<sup>30</sup>.

Vitorioso Tancredo Neves, Golbery explicou que o tempo seguinte seria de reflexão. E, entre os preciosos volumes da sua biblioteca — onde podiam ser encontradas curiosidades como *Os pintores italianos do Renascimento* (do crítico Bernard Berenson), textos de James Joyce e, até mesmo, as *Obras Completas* de Josef Stalin — aguardou que a tempestade serenasse.

Esse fenômeno realmente aconteceu, embora de forma imprevista. Na véspera da solenidade de posse como Presidente da República, Tancredo Neves sentiu-se mal e teve que ser hospitalizado às pressas.

A morte de Tancredo, trinta dias depois, comoveu o ex-chefe do Gabinete Civil, que assim se pronunciou: “eu vejo a cristianização de um mito histórico, o símbolo superando a morte”<sup>31</sup>, após assistir pela televisão o momento em que aspirantes e cadetes das Forças Armadas e das forças auxiliares, em uniformes de gala, ergueram o caixão com o corpo do presidente e subiram com ele a rampa do Palácio do Planalto.

O funeral de Tancredo Neves foi descrito por Golbery como um momento de *inspiradora comunhão nacional*. E ressaltou em seguida, diante de tais representações populares, que não haveria mais qualquer retrocesso político no País.

O tempo comprovou o acerto da sua previsão. E ainda que o Governo José Sarney apresentasse considerável *brandura* e fragilidade, açodado que estava por greves em profusão e desacertos na política econômica, a redemocratização não foi interrompida.

Golbery do Couto e Silva não teve tempo de observar os resultados práticos da *Distensão*. O câncer (nos pulmões) o matou antes mesmo do término dos trabalhos da *Assembleia Nacional Constituinte*.

Não fosse pela doença, talvez se dispusesse a reaparecer no cenário político, como escreveu o jornalista Coriolano Gatto. Não por intermédio de um mandato de deputado, “mas como um dos principais representantes do pensamento liberal”<sup>32</sup>.

## **Subsídios ao Resgate do Pensamento de um Estrategista do Poder**

Ao destacar a personalidade do general Golbery do Couto e Silva, na manhã de 21 de agosto de 1979, o general Moraes Rego (chefe do

Gabinete Militar da Presidência da República na administração Ernesto Geisel e um dos sustentáculos do Regime) assinalou quatro aspectos fundamentais:

*O militar de carreira brilhante com trabalhos doutrinários que até os economistas conhecem e hoje são citados dentro e fora do País; o empresário de importância; o atual chefe do Gabinete Civil que se realiza; e uma quarta faceta seria a do filósofo irônico, que gosta às vezes de divertir-se à custa da humanidade, sempre com a mesma inteligência e o mesmo brilho que apresenta nas outras três facetas<sup>33</sup>.*

A esse ensaio histórico e jornalístico interessa, muito especialmente, o quarto aspecto, porque, como observou Oliveiros S. Ferreira em seu comentário sobre a *Geopolítica do Brasil*,

*O general Golbery do Couto e Silva é, talvez, um dos últimos discípulos de Hobbes, mesmo a contragosto. Por isso, para ele, a liberdade, da mesma forma que a propriedade, é instrumental. Por isso, para ele, como para o general Andrade Serpa (outro condestável entre os militares, grifo do Autor), o povo não é ator da História<sup>34</sup>.*

Discípulo ou tão-somente admirador, Thomas Hobbes foi citado inúmeras vezes por Golbery no primeiro capítulo da *Geopolítica do Brasil*: “O problema vital da segurança nacional”. Segundo ele, foi o filósofo inglês quem descobriu e apontou “a adoração reverente e temerosa dos povos, o novo *Leviatã*, esse deus portentoso, embora mortal, da soberania e do poderio absoluto”<sup>35</sup>, destacando que

*o Estado soberano e surgido das fontes profundas do medo para prover a segurança individual e coletiva na terra, passaria a afirmar sua vontade onipotente sobre os destinos de todos os súditos que o haviam criado, assim mesmo, inigualável e autárquico<sup>36</sup>.*

Mais à frente, no mesmo capítulo, ressaltou que, em Thomas Hobbes, os defensores do autoritarismo mais rigoroso encontrariam, inteiramente modelada e em linhas inflexíveis,

*A teoria que lhes absolveria os desmandos e lhes encobriria os caprichos insanos, enquanto se pudessem manter, pelo poder de coação, como governos de fato<sup>37</sup>.*

E acrescentou que Thomas Hobbes pode ser considerado o



patrono — reconhecido ou inconfessado — das modernas ideologias políticas, “que ameaçam por todos os lados o mundo decadente de um liberalismo impotente e exausto”<sup>38</sup>.

Ao tempo em que *Geopolítica do Brasil* era elaborada, a bipolaridade gerada a partir da *Conferência de Yalta* atingia proporções monstruosas. Tanto assim (cf. Golbery) que os novos mestres da ideologia política, à semelhança de Thomas Hobbes, acabaram presos de idêntica angústia, *do grande medo vindo da insegurança do homem*.

Ele explicou que essa insegurança era a mesma e até maior, de modo que,

*Ao som das novas mitologias totalitárias, tanto da direita como esquerda, as quais incitam e buscam seduzir a humanidade desvalida e temerosa, os cidadãos de cada nação e inseguros face à visão onipresente da guerra, guerra civil ou guerra subversiva ou guerra internacional, mostram-se dispostos até a escravizar-se a quaisquer senhores e a quaisquer tiranias, desde que lhe ofereçam (...) um pouco de segurança e paz*<sup>39</sup>.

Esse temor levou Golbery — entre outros militares influenciados pelos ensinamentos recebidos no *War College* e instituições congêneres (ver, a propósito, COMBLIN, Joseph, *A Ideologia da Segurança Nacional*) — a trabalhar na elaboração de uma *doutrina autóctone* que, acreditava, preservaria o Brasil da ameaça representada pelo comunismo internacional.

De início, Golbery do Couto e Silva não partilhava da corrente ideológica segundo a qual essa doutrina apresentava viés ditatorial. Tanto assim que, em agosto de 1967, bem antes, portanto, da decretação do Ato Institucional Número 5, declarou à equipe de reportagem de *O Jornal*:

*A doutrina e a política de segurança não são absolutamente instrumentos para afundar o Brasil na ditadura ou no militarismo. Elas não possuem princípios antidemocráticos, ranço militarista ou espírito ditatorial*<sup>40</sup>.

(Corte no tempo).

Anos depois, já afastado do Regime que em muito contribuiu para instalar no País, resumiu, numa única frase dirigida ao general Octávio Aguiar de Medeiros, chefe do Serviço Nacional de Informações

do Governo João Figueiredo, qual seria doravante a sua meta já que, naquele momento da História, fora cogitada a hipótese de o presidente candidatar-se à reeleição, por intermédio do voto indireto, no *Colégio Eleitoral*:

*Vou passar o resto dos meus dias tratando de impedir que vocês tomem a Presidência da República*<sup>41</sup>.

## Um artista

Ainda hoje surpreende o fascínio que Golbery do Couto e Silva exercia sobre algumas expressões da cultura nacional. Glauber Rocha, por exemplo, publicizou um estranho sonho com a *participação* do ministro:

*(...) Eu estava com Golbery numa velha garagem. Fora, estouravam bombas e gritos da Terceira Guerra Mundial. Eu estava inquieto, mas o general mantinha-se tranqüilo e sua imagem se confundia, de perfil, com a do escritor Jorge Luiz Borges. Ele desenhava, com a ponta do guarda-chuva, intrincados mapas geopolíticos. Em seguida, depois da guerra, ele desapareceu num carro vermelho. Minhas relações com ele são mitológicas*<sup>42</sup>.

Pode parecer estranha essa admiração de Glauber Rocha, mas a justificativa é simples: naquele exato momento, Golbery do Couto e Silva era interpretado como uma das raras luzes no Regime Militar. Em contrapartida, nem mesmo o imenso prestígio do cineasta baiano fez com que escapasse incólume às críticas das *patrulhas ideológicas* que grassavam no País.

A admiração pela habilidade política do general suscitava polêmicas. Embora reconhecendo a sua vasta cultura, o jornalista e escritor Paulo Francis — transcorridos poucos dias da morte de Golbery — fez um breve comentário sobre os seus livros: “tentei ler trabalhos dele e desisti, rindo, entediado. Meu velho amigo Antonio Houaiss é coloquial perto dele”<sup>43</sup>.

Em seguida, redimiou parcela da culpa atribuída a Golbery pelas *patrulhas ideológicas*, relativamente ao quesito repressão:

*Golbery depôs numa Auditoria Militar em favor de Ênio Silveira, que havia publicado um livro chamado “O golpe veio de Washington”, e estava enquadrado na Lei de Segurança Nacional. O depoimento de Golbery salvou Ênio, com quem*

*ele não tinha afinidades ideológicas*<sup>44</sup>.

De todo modo, ao longo da sua extensa vida política, Golbery deixou dúvidas sobre quais seriam, de fato, as suas pretensões.

Novamente aflora a lenda de Golbery do Couto e Silva como *eminência parda* do Regime Militar. Esta, surgiu concomitantemente à ascensão à Presidência do general Humberto de Alencar Castello Branco. E ele trabalhou bastante neste sentido, com a colaboração de amigos fiéis, entre os quais Heitor Ferreira e Mário Henrique Simonsen.

Apesar do intenso trabalho, seja no Gabinete Civil ou — antes disso — na iniciativa privada, Golbery fazia questão de se manter atualizado sobre praticamente todos os setores do interesse nacional, inclusive a Literatura. Também não é segredo que, eventualmente, conversava ao telefone com o escritor argentino Jorge Luiz Borges.

Discreto, pouco loquaz e freqüentemente irônico, guardava certa distância dos interlocutores. Em contrapartida, por sua dedicação aos estudos, adquiriu renome junto à oficialidade, como bem observou o general Idálio Sardemberg, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas durante o Governo Emílio Garrastazu Médici:

*(...) Desde tenente trata-se de um grande estudioso dos problemas brasileiros. Ele se interessou pela Escola (ESG), participou da sua fundação e nela serviu por muito tempo. Tem, ainda, um passado político pessoal importante que não se confunde com a Escola. É o passado dele como pessoa. Distingo o general Golbery como pessoa do general Golbery que pertenceu à ESG*<sup>45</sup>.

Golbery concordava com a máxima fixada por Niccoló Machiavelli, segundo a qual *era melhor ser temido que odiado*. Certa vez comentou com os repórteres que não fora ele o responsável pela implantação das medidas de exceção no Brasil, mas julgava oportuno que acreditassem na sua capacidade de fazê-lo, arrematando:

*Sou apenas uma pessoa discreta, e agora que inventaram isso, fiquei com o mistério incorporado à minha personalidade. Tem lá as suas vantagens*<sup>46</sup>.

Golbery era uma pessoa obstinada. Karl von Clausewitz, o *filósofo da guerra*, dizia que essa qualidade podia ser interpretada como um defeito da inteligência, termo que — segundo ele — definia a “insubmissão a um entendimento superior, recusa que não se poderá atribuir à inteligência, que é precisamente a capacidade de entendimento”<sup>47</sup>.

Para os que não o conheciam suficientemente bem, custava crer

que aquela frágil estrutura física abrigava tanta determinação. Quem o visse de perto, “com os óculos sem aro e os cabelos grisalhos cortados bem rentes”, dificilmente acreditaria — num primeiro momento — que o homem que caminhava sozinho, tarde da noite, pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro (após cansativas e tensas reuniões no Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais - IPES), no início dos anos sessenta, era um dos principais articuladores do movimento contra João Goulart.

Pessoa de hábito modesta, não retroalimentava os comentários daqueles que consideravam o seu nome incorporado à História do Brasil. E rejeitava a hipótese de publicar um livro de memórias, pois, segundo ele, num raro momento de descontração, acreditava que os escritores mentiam muito quando descreviam e/ou redigiam as suas lembranças.

## Imprensa

O perceptível distanciamento com a Imprensa começou no tempo do IPES. Entretanto, após o êxito do *Movimento de Março de 1964* e assegurada a sua força e prestígio nos governos subseqüentes, suas opiniões foram conquistando espaço no noticiário. Em 1975, por exemplo, durante visita ao Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto, um repórter lhe perguntou o motivo pelo qual não gostava de dar entrevistas.

Ao que respondeu:

*Eu não sou avesso à Imprensa, mas vocês compreendem a minha posição e sabem que não posso falar muito, sob o risco de ser confundido com o Governo (...) às vezes até gostaria de falar mais<sup>48</sup>.*

Sua forte personalidade provocava opiniões divergentes. Élio Gaspari, ex-correspondente da revista *Veja* nos Estados Unidos e, atualmente, articulista de *O Globo* e da *Folha de S. Paulo*, costumava — segundo a própria Imprensa — endeusá-lo em seus artigos<sup>49</sup>. Por sua vez, o historiador José Honório Rodrigues descrevia Golbery como um “homem sisudo, introvertido, fechado, que só se abria nas conversas sobre assuntos culturais quando percebia que o seu interlocutor seria capaz de acompanhá-lo no raciocínio e na argumentação”<sup>50</sup>.

Leitor de Jorge Luiz Borges, Alejo Carpentier e Anáís Nin, Golbery — cujo prenome, dizia, vinha da Rússia czarista — utilizava metáforas no dia-a-dia com rara habilidade, estudando cuidadosamente as palavras

antes de empregá-las. Um exemplo: durante a sequência de atentados registrados no final dos anos setenta e início da década de oitenta, principalmente no Rio de Janeiro, disse que o Governo adotaria “*métodos de Poirot*” para identificar e punir os responsáveis.

Golbery acreditava que os terroristas deixaram vazas muitas pistas, fato que permitiria às autoridades prendê-los facilmente. Entretanto, negou que o Governo tivesse conhecimento prévio da atuação clandestina de grupos paramilitares, como chegou a ser noticiado.

Por sua longa experiência na área de Informações, percebia com facilidade as armadilhas que, vez por outra, certos articulistas inseriam (nos diários) para provocá-lo.

Dizia ele que as notícias podiam ser *verdadeiras ou falsas*, argumentando:

*as verdadeiras valem por si, refletem algo imutável, que é a verdade. Já as falsas são mais ricas. Elas refletem a vontade e o interesse de quem as transmite*<sup>51</sup>.

Seu senso analítico era tão acurado que, suprimida a *Censura Prévia*, e tendo o jornal *O Estado de S. Paulo*, à época, todos os motivos para assumir uma forte confrontação com o Governo, antecipou que essa linha editorial não seria adotada pelo jornal, pois este jamais abriria mão da sua tradição conservadora.

## Reflexões

A decepção com o Regime Militar fora, preliminarmente, admitida por Golbery, em 1975, em entrevista publicada no *Jornal do Brasil*:

*Qualquer processo revolucionário não dá certo mais que seis anos. 1964 deveria ter acabado no ôba-ôba do milagre brasileiro. Ah! Que beleza! A Revolução teria acabado completamente vitoriosa, em todo o seu esplendor*<sup>52</sup>.

Nos registros sobre Golbery publicados pela Imprensa existem algumas tantas considerações que ajudam a compreender o seu pensamento político. Uma delas, apresentada em 1978, quando agradeceu o discurso de saudação do general Moraes Rego pela passagem do seu 67º aniversário. Disse ele:

Tempo de aniversário é tempo de balanço do que se fez, do que se pretendia

fazer e não se conseguiu<sup>53</sup>.

Reportou-se, em seguida, à época em que pretendia seguir carreira como professor de Matemática e, depois, como estudioso da Literatura, acrescentando que:

*Aqueles sonhos se viram superados mais tarde na vida militar, enquanto estive sujeito ao hábito do enquadramento na corporação homogênea e unida (o Exército), que fez com que assumisse um ideal coletivo a toda a sua geração (...) que veio, desde 1930, sofrendo, em 32 amadurecendo, em 35, 37 no Golpe Integralista subsequente e que depois, afinal, se afirmou e começou a influir no País, em 1945, vindo até 1964, quando participou com muito interesse e muita determinação na Revolução, por cujos acertos e erros se sente igualmente responsável<sup>54</sup>.*

Enfatizou, a propósito, que — na turbulência política da primeira metade deste século — a oficialidade brasileira, como um todo, acatava os princípios do exército francês “de Forges e De Gaulle”, segundo os quais os militares deviam ter o ideal de:

*(...) servir à corporação a que pertence, ao grupo social em que se insere e à Pátria, com o desejo de fazê-la grande, tão grande como o próprio De Gaulle sonhou para a França<sup>55</sup>.*

Naquela oportunidade, Golbery do Couto e Silva lembrou a penúria e o subdesenvolvimento do País antes da deflagração do *Movimento de Março de 1964*, acrescentando que era fundamental superar o descompasso existente entre os setores político, social e econômico.

Mais tarde, durante a administração do general João Baptista Figueiredo, Golbery manteve, embora por pouco tempo, posição bastante firme. A sua auto-exoneração do Governo provocou um impacto extraordinário e suscitou dúvidas quanto aos motivos mais prováveis. Para muitos cientistas políticos, ainda hoje, a hipótese mais provável teria sido a insistência demonstrada na apuração imediata do *quase-atentado* no Riocentro, em 1981 (ver ARGOLO, José Amaral, FORTUNATO, Luiz Alberto e RIBEIRO, Kátia, *A Direita Explosiva no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad, 1996, 332 p.).

O ex-presidente João Figueiredo contestava, porém, essa versão. Segundo ele, Golbery não apreciara a nomeação do general José Luiz

Coelho Neto (identificado com a “linha dura”) para chefiar o gabinete do ministro do Exército, Valter Pires.

João Figueiredo observou que, na ocasião, indagara ao seu ministro-chefe do Gabinete Civil se realmente acreditava que “Coelho Neto era um torturador, ao que Golbery respondera negativamente”.

*O que faria se fosse ministro do Exército e não pudesse nomear seu próprio chefe de Gabinete. O próprio presidente respondeu – sempre de acordo com sua versão – se demitiria, não é?<sup>56</sup>.*

Mais uma, dentre as tantas versões: a de que o então chefe do Gabinete Civil teria sido admoestado pelo presidente por intermédio do deputado Léo Simões e, melindrado com a reprimenda, demitiu-se.

Qualquer que tenha sido a justificativa, quando deixou o Poder por sua própria vontade, Golbery reproduziu (numa dimensão menos trágica) o gesto de Adolf Abramovich Yoffe, que se suicidou no interior do *Kremlin* no dia 16 de novembro de 1927.

Ao seu camarada e amigo Leon Trotsky, Yoffe encaminhou uma última carta, na qual enfatizava que o político revolucionário devia saber quando afastar-se:

*(...) e afastar-se no momento em que adquire consciência de não poder ser útil à causa que servira (...). Passaram-se mais de três anos desde que adotei a opinião de que a vida humana só tem sentido na medida em que é empregada a serviço do infinito. Trabalhar com qualquer outro objeto finito – e tudo o mais é finito – não tem sentido<sup>57</sup>.*

Conhecendo a habilidade política do general Golbery, não é difícil supor que tenha planejado a melhor e mais complexa das retiradas, aguardando talvez por dias mais amenos que, no seu caso, não aconteceram.

Sobre Golbery do Couto e Silva, a melhor definição provavelmente seja, ainda hoje, a do jornalista José Nêumanne Pinto — publicada imediatamente após a morte do “Mago da Abertura”:

*O ouvinte de Beethoven, o estagiário de (Fort) Leavenworth (EUA). O adido militar em Assunção, Paraguai, o assassino do AI-5, o diabólico e maquiavélico leitor de Dostoiévski que não gostava de exibir seus livros (porque quem vê a livralhada de uma pessoa pode ler a sua cabeça), foi uma das mais fascinantes personalidades da vida política brasileira. O homem displicente no vestir, deselegante no escrever e habilidoso no conversar representou, como poucos outros exemplos tem tido*

*a história política brasileira, o tipo acabado de construtor do Estado brasileiro contemporâneo. Ao levar a escola à caserna e a informação ao Gabinete Presidencial, construiu um estilo e marcou uma presença na vida conturbada desta República veterana*<sup>58</sup>.

Concluindo, com a perspicácia de hábito:

*Golbery morreu. Resta saber que proveito ele queria tirar disso (...). Poucos homens no Brasil mereceriam a adaptação dessa frase do príncipe austríaco Metternich, a respeito do falecimento de Talleyrand. Mas certamente o general Golbery do Couto e Silva, gaúcho do Rio Grande, onde nasceu em 28 de agosto de 1911, general R-1 do Exército, emérito conspirador e cultivador permanente do poder como estilo e forma de vida, não apenas a merece, mas parece ter sido talhado para ela*<sup>59</sup>.

## **Golbery — O Vôo do Falcão**

A posse do Presidente Fernando Collor de Mello — primeiro Chefe de Estado brasileiro eleito pelo voto direto após o *Movimento Militar* de 1964 — no dia 15 de março de 1990, em seguida a um período de transição atribulado, representou o coroamento da *Distensão Lenta e Gradual*, iniciada na administração Ernesto Geisel, e para a qual o general Golbery contribuiu ativamente com sua inteligência e prestígio. Afinal, ele havia previsto a inevitabilidade da *Abertura* e o fato de que o Regime Militar se estendera para muito além do tempo desejado pelos conspiradores de então.

Pode-se dizer que foi efetivamente esse o *Vôo do Falcão*, a maior empreitada realizada no País depois da articulação contra o Presidente João Goulart, principalmente porque, naquele momento da História Política Brasileira, ganhavam corpo em todos os segmentos da sociedade as críticas tanto ao modelo econômico como ao Regime Militar.

Para caracterizar melhor as tendências do Governo em relação àquele audacioso projeto político, Golbery apresentou, durante conferência realizada na Escola Superior de Guerra (em 1980), as linhas que norteariam a atuação do Poder Executivo. Entre as reflexões, a mais importante dizia respeito à longevidade do Regime Militar e do autoritarismo praticado até então. Segundo Golbery:

*(...) a Revolução de 31 de Março, sem quaisquer propósitos definidos de centralização ou de autoritarismo; ela que, afinal, nem pensava em durar mais*



*que um simples instante de redenção, seria gradativamente empurrada a espá-los, afirmar e reafirmá-los*<sup>60</sup>.

Essa passagem da longa explanação, permite ao pesquisador (seja ele historiador, jornalista, cientista político) de hoje uma interpretação mais ampla sobre o verdadeiro poder exercido pelos generais. O articulista Carlos Chagas, em artigo publicado no *O Estado de São Paulo*, dissecou a questão. Para ele, no Brasil, pós-64,

*o poder tem sido mais pessoal que de grupo, mesmo quando dividido em condomínio, pois certas pessoas, representando grupos, sempre valeram mais do que eles. Não obstante a existência do chamado Sistema, nos últimos anos mais um pretexto para justificar atos pessoais que um núcleo paralelo de influência, os que mandam são pessoas físicas, cidadãos com certidão de batismo e título de eleitor. Ora apenas os presidentes, ora eles, seus auxiliares e os generais, ora mais os auxiliares do que eles, ora mais os generais do que todos*<sup>61</sup>.

Partindo dessa premissa, como avaliar o papel desempenhado por Golbery do Couto e Silva especialmente durante os dois últimos governos militares? Como *persona* insubstituível?

“De modo algum”, observou Carlos Chagas, acrescentando:

*(...) se precisasse afastar-se, outro tomaria as suas funções. Mas inimitável, por certo, já que outro precisaria de, no mínimo, 17 anos e meio para adquirir a experiência, isso se já dispusesse de sua competência, ou malícia e do seu maquiavelismo, como dizem os que não gostam dele*<sup>62</sup>.

Em que pese o maquiavelismo prevalente no *núcleo duro* dos conspiradores de 1964, Golbery do Couto e Silva conquistou e manteve posição como um dos mais abertos ao diálogo, fato esse posteriormente confirmado e publicizado por intermédio dos depoimentos do então cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, do historiador norte-americano, Thomas Skidmore (Universidade de Wisconsin) e do diretor, à época, do Centro para Assuntos Internacionais da Universidade de Harvard, Samuel Huntington.

O primeiro, um dos mais respeitados líderes da Igreja Católica no País, disse, na ocasião, que, nos diversos encontros mantidos com o general Golbery, sempre encontrou um momento de convergência, exemplificando:

*Quando descendentes de índios na Amazônia foram expulsos de suas terras cultivadas comunitariamente, fui direto ao Golbery e pedi que verificasse se essa expulsão era efetiva e se ele não poderia conseguir para eles uma titulação das terras. Um mês e meio depois ele me disse: o senhor não avise que isto foi feito por meu intermédio, mas eles já conseguiram a titulação*<sup>63</sup>.

Por sua vez, Thomas Skidmore destacou, naquela circunstância, que o general Golbery

*Prestou um serviço relevante para a democracia brasileira. Sem esse esforço dentro do Governo não ocorreria uma abertura de êxito. Foi, é claro, quem inventou o SNI, mas ao mesmo tempo o seu papel no Governo Ernesto Geisel foi importantíssimo*<sup>64</sup>.

Samuel Huntington dizia que:

*Golbery foi provavelmente a figura central no processo de (re)democratização no Brasil. Tinha uma idéia muito clara quando foi trabalhar com Ernesto Geisel, sobre como o sistema político brasileiro devia ser gradualmente adaptado. Tinha consciência da necessidade, já naquela época (1973), de começar a ter os grupos sociais no País participando da política novamente, da necessidade de recriar a sociedade civil*<sup>65</sup>.

O “*Mago da Abertura*” ampliou o crédito de que dispunha entre os políticos e empresários e, por conta disso, acabou consolidando a reputação de *moderado* entre o segmento dos militares.

## **Sístoles e diástoles**

José Honório Rodrigues, historiador e ensaísta, foi provavelmente o intelectual brasileiro que mais se ocupou em analisar detalhadamente o teor da conferência proferida pelo então chefe do Gabinete Civil na Escola Superior de Guerra.

*A centralização e o autoritarismo destes quase 20 anos (registre-se que o ensaio em questão foi elaborado em 1981), não só conduziram à crescente hipertrofia do Executivo, como à multiplicação, de que fala(va) o ministro Golbery, dos instrumentos de controle não somente na administração direta como na indireta, novas empresas públicas ou de economia mista. Ele reconhece(ia) que as forças em oposição, geradas pela própria dinâmica dialética do sistema passaram a atuar cada vez com maior intensidade, fazendo com que o processo e a consciência do fenômeno contagiassem várias camadas da população, que com suas iniciativas, protestos e reações mostrassem a necessidade da descentralização e do autoritarismo*<sup>66</sup>.

Daí, concluiu José Honório Rodrigues, o esforço descentralizador do Governo,

*conduzindo a vida pública a uma abertura política democrática, desencadeada através da liberação progressiva da censura. O prazo para não fugir ao controle seria bastante longo e a condução vigilante e segura*<sup>67</sup>.

A ideia-força dessa *descompressão lenta e gradual* — como, aliás, ressaltou Ricardo Vélez Rodriguez (professor do Centro de Estudos Estratégicos da Universidade Federal de Juiz de Fora) — fora abordada antes por Oliveira Vianna, “e retomada pelas chamadas expressões da *Escola Weberiana Brasileira*, notadamente Wanderley Guilherme dos Santos”<sup>68</sup>.

Os primeiros passos para consolidar essa estratégia de distensão seriam o fim da *Censura Prévia* que tanto contribuiu para impedir à população brasileira o conhecimento sobre as graves questões nacionais e internacionais, e a *Abertura Democrática*, traduzida e consolidada por uma ampla reforma partidária.

Golbery desenvolveu intenso esforço no sentido de impedir a formação de uma frente oposicionista única, manipulável por setores não político-partidários, como a Igreja Progressista:

*A estratégia recomendaria — como requeria, aliás, também a própria intenção democratizante — pronta desarticulação do sistema oposicionista, propiciando-se o surgimento de múltiplas frentes distintas, em relação às quais voltasse a ser possível levar a cabo novo tipo, mais ampliado, da mesma manobra em posição central que fora penhor do êxito alcançado na fase anterior*<sup>69</sup>.

Segundo ele, o processo de consolidação dessa nova realidade político-partidária estava voltado diretamente para a

*(...) melhor caracterização, individualização melhor das forças políticas, por intermédio de partidos mais homogêneos e mais autênticos em sua representatividade, acenando-lhes com o justo monopólio entre eles e somente entre eles compartilhado, da ação política, da qual são de direito, os únicos instrumentos especializados*<sup>70</sup>.

Partindo dessa premissa, caberia ao Estado intervir objetivando reeducar a convivência democrática, de tal modo que as agremiações políticas não se desviassem do esforço destinado a consolidar o convívio democrático mediante a autêntica representação. Aliás, Ricardo Vélez

Rodriguez lembrou que ali estavam embutidos os principais argumentos de Oliveira Vianna sobre as *transformações exógenas* que exigiam um *modicum de coação* por parte do Estado. Ricardo Vélez acrescentou que Golbery,

*(...) alicerçado no conceito de retardo cultural da Sociologia de (William Fielding [1886-1959] presidente da Sociedade Sociológica Norte-Americana) Ogburn, advertia para o risco de um potencial catastrófico ou de ruptura do sistema, caso um dos setores sociais, como o Militar, o Psicossocial ou o Econômico, permanecessem fechados numa visão autoritária e não se abrissem à descentralização democrática*<sup>71</sup>.

Uma abertura tão-somente parcial no regime implicaria, segundo a percepção de Vélez Rodriguez, no risco de retrocessos ou rupturas proporcionando consequências gravíssimas para a sociedade brasileira.

No alentado estudo que elaborou sobre o pensamento de Oliveira Vianna e o papel modernizador do Estado Brasileiro, Ricardo Vélez Rodriguez abriu generoso espaço sobre a atuação do general Golbery do Couto e Silva, estendendo sua análise ao processo desencadeado rumo à *redemocratização*. Segundo ele, consolidado o sistema democrático, seria viável a descentralização da política administrativa do Governo, delegando maior responsabilidade e iniciativa aos Estados e Municípios, bem como gerando estímulo às atividades comunitárias.

Essa descentralização, tantas vezes enfatizada e reiterada por Golbery na conferência realizada na ESG, corresponderia (cf. Ricardo Vélez) “à descentralização administrativa num contexto de forte centralismo político, outrora proposta por Oliveira Viana”<sup>72</sup>.

A força-motriz dessa ideia visava conciliar o princípio da unidade e da autoridade política nacional com o imperativo da descentralização administrativa imposta pela extensão territorial do País.

Sobre essa proposta democratizante do general Golbery do Couto e Silva, comentou Ricardo Vélez Rodriguez:

*O seu pensamento reflete a linha modernizadora ensejada pela sociologia de Oliveira Viana, e continuada pela Escola Weberiana Brasileira. Em que pese o caráter minoritário dessa linha de pensamento no seio da intelligentzia brasileira, os seus princípios permearam os quadros da Escola Superior de Guerra, tendo-se estendido daí à cúpula dos dois últimos governos revolucionários (Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo), como se pode deduzir da conferência do general*

*Golbery (...). A atual abertura democrática que o Brasil vive, revela a força da proposta democrática de que Oliveira Viana e a Escola Weberiana Brasileira se tornaram portadores* <sup>73</sup>.

O argumento mais forte apresentado por Golbery, recorda por sua vez José Honório Rodrigues, “baseia-se no curso de História do Brasil numa visão geopolítica”<sup>74</sup>, acrescentando que a primeira parte intitulada *Sístoles e Diástoles na Vida dos Estados* resumia uma das contradições da vida política brasileira; qual seja: a luta entre a centralização e a descentralização.

No ensaio supracitado, José Honório Rodrigues aproveitou para estender suas críticas à obra de Oliveira Viana, muito especialmente à síntese histórica e interpretativa constante do livro *Evolução do Povo Brasileiro* (fundamental à base sociológica e política da explanação de Golbery), justificando:

*Note-se que as teses de Oliveira Viana neste livro, que também influiu no pensamento de Getúlio Vargas, na sua primeira fase autoritária, e no de todos os autoritários modernos do Brasil, não são simpáticos ao povo, mas às elites dirigentes* <sup>75</sup>.

José Honório Rodrigues observou ainda, em *Tese e Prognóstico*, que Oliveira Viana defendia a força do Poder Central (fórmula adotada não somente durante o Governo de Getúlio Vargas como ao longo do Regime Militar pós-1964). Segundo o ensaísta e historiador, contrariamente ao que Golbery assegurara na explanação, o Brasil não sofria somente de “arritmias, isquemias, enfartes e taquicardias, mas principalmente de atrasos econômicos, sociais e psicológicos” <sup>76</sup>, complementando:

*Não se educa e prepara o povo para o exercício normal da democracia e nem vale, como assinalou Macaulay — o grande historiador inglês, membro do Parlamento — dizer que só podemos permitir democracia quando o povo estiver preparado e educado, pois isso significa capá-lo, sem prazo, do seu exercício cívico e patriótico, treiná-lo para a convivência nos debates, na abertura, na liberdade, todas de imprensa, de opinião e de reunião pacífica para tratar de interesses do povo e do nosso querido Brasil* <sup>77</sup>.

Neste que, provavelmente, foi o mais completo contraponto acadêmico à argumentação apresentada na ESG pelo general Golbery, José Honório Rodrigues observou, com propriedade, que os problemas brasileiros não decorriam apenas da dívida externa — “os juros, as

amortizações que devemos pagar devido aos empréstimos feitos no estrangeiro, todos sem licença da representação nacional —, mas da imensa dívida social que cresce nesses dias de crise”<sup>78</sup>.

Ressaltou, ainda, que essa dívida social — ainda não paga — era superior à dívida externa, e incluiu entre as metas não apontadas pelo general Golbery (este citou na conferência o aperfeiçoamento do sistema democrático; a descentralização adequada e sistemática do Governo; o saneamento e fortalecimento do setor econômico; a expansão cultural do Brasil e sua maior projeção no exterior), as seguintes:

*a saúde, a educação, a liberdade sindical, o fim das leis opressivas, como a Lei de Segurança e a Lei Falcão e, finalmente, a elaboração de nova Constituição por uma Assembléia Constituinte*<sup>79</sup>.

Felizmente, algumas dessas metas foram alcançadas com algum esforço: liberdade sindical plena, fim das leis de exceção e a elaboração da nova Carta Constitucional.

De modo a corroborar com o raciocínio de José Honório Rodrigues, no artigo intitulado *A Dívida Social*, publicado em *Problemas Brasileiros*, edição de dezembro de 1980, páginas 4 a 9, Rubens Vaz da Costa lembrou que o Brasil era o quinto país do mundo em área geográfica, o sexto em população, o décimo em termos de Produto Interno Bruto, o oitavo PIB no Ocidente e (na ocasião) ocupava o quadragésimo sétimo lugar no que tange à qualidade de vida.

Por oportuno, transcrevo as palavras de Rubens Vaz da Costa, reproduzidas *in verbis* por José Honório Rodrigues ao tratar da dívida social:

*Dívida social é a diferença entre o nível de vida e de consumo que a sociedade aceita que todos devem ter, e aquele nível de vida e consumo que alguns milhões de brasileiros realmente têm*<sup>80</sup>.

## Et Finis

Sobre a trajetória política de Golbery do Couto e Silva há — e haverá — muito que refletir e escrever. Além de ter feito de uma capa de mistério a sua principal arma de defesa e do silêncio uma virtude criteriosamente cultivada, foi um mestre no *jogo-de-xadrez* do Poder.

Negar a capacidade premonitória do general Golbery relativa à evolução da conjuntura política do País é, digamos, impossível. Mesmo agora, transcorridos tantos anos da sua morte, o tempo não comprometeu a exatidão das suas palavras.

Inúmeros estudos podem ser desenvolvidos a partir das questões suscitadas durante a já citada conferência na ESG. A primeira delas (focada na Expressão Militar embutida na política externa) aborda as dificuldades para que seja plenamente efetivada a integração latino-americana. Segundo ele, ainda que os governos dos países sul-americanos mantivessem (agora nem tanto!!! , grifo do Autor) convivência cordial,

*Não estamos livres de que episódios noutras regiões mais incertas do planeta possam desbordar nossas áreas periféricas e, portanto, influir decisivamente nas deliberações que tenhamos que tomar*<sup>81</sup>.

Convulsões, conflitos de baixa e média intensidade, bem como reinterpretações geopolíticas e econômicas em outros continentes vêm, nos últimos anos, modificando o ritmo/ equilíbrio nas negociações internacionais. Por hipótese: quem poderia supor (nos idos anos sessenta/ setenta) que o Brasil viria se transformar num dos maiores parceiros comerciais da República Popular da China? Que o Muro de Berlim seria derrubado? Que a Iugoslávia e a poderosa União Soviética se fragmentariam? Que a Índia e o Paquistão passariam a integrar o seleto *clube* das potências dotadas de arsenal atômico? Que os Estados Unidos da América seriam vitimizados pelo maior atentado da História?

Golbery do Couto e Silva preocupava-se com a vulnerabilidade do Brasil face às limitadas reservas estratégicas de combustível (hipótese que, desde sempre, fora objeto da atenção do general Ernesto Geisel). Durante a citada conferência na ESG, ele também ressaltou a utilização dos programas de produção de álcool aditivado, o fomento do carvão e de outras fontes alternativas de energia, advertindo, entretanto, que a adoção de uma *Economia de Guerra* dificultaria o Projeto de *Abertura*.

Golbery reafirmou àquele seleto público de estagiários que a redemocratização do País era imprescindível. Assim, ao refletir sobre o chamado *fator participação* como questão absoluta, acentuou:

*A democracia, para mim, é muito mais participativa do que propriamente garante a liberdade. Há um mínimo de liberdade que é indispensável, realmente, e deve ser assegurada à sociedade*<sup>82</sup>.

Acrescentou que a abertura política aconteceria desde que a sociedade participasse das grandes decisões e colaborasse com o Governo na execução das leis e medidas a serem tomadas.

*Esse mínimo de liberdade irá sendo acrescido pelo próprio esforço, aí já com boa presença efetiva do povo no poder. Acredito, por outro lado, que a participação é indispensável, para que se possa, realmente, conduzir certas ações que exigem sacrifícios, como as de hoje na área econômica*<sup>83</sup>.

Na mesma ocasião, Golbery abordou outros temas sensíveis, tais como o controle da natalidade (sobretudo nos grandes bolsões de pobreza existentes no País), destacando que a *explosão demográfica* inibia o progresso do Brasil, muito especialmente no campo do desenvolvimento econômico-social. Avaliação essa que remete a um dos argumentos de Oliveira Viana, para quem o Brasil era *descontínuo e ganglionar*. Dizia Oliveira Viana que, no conjunto, percebia-se

*Uma série numerosa e variada de núcleos ou gânglios regionais (...) que se subdividem em núcleos menores, separados (...) por enormes espaços desertos. Núcleos estes praticamente destituídos de circulação material e espiritual e vivendo, por isto mesmo, um regime de isolamento*<sup>84</sup>.

...

Retornando a um dos eixos da conferência, qual seja: a *Revitalização da Política*, Golbery justificava esse processo como a razão da retomada do pluripartidarismo. Reiterava ele que o Estado Brasileiro emergia:

*(...) De uma fase de bipolarismo, de uma bipolaridade política mais ou menos forçada e (em sendo assim) não poderíamos alcançar maior taxa de democracia e de liberalização do regime senão permitindo a entrada de outros partidos*<sup>85</sup>.

Reconhecia que o bipartidarismo forçado apresentava inúmeras vantagens:

*(...) eu não veria, pessoalmente, mal — até gostaria de ver — o País ingressando numa fase de bipartidarismo. Parece até um paradoxo. É que nós saímos de um bipartidarismo imposto, mais ou menos, pelas condições criadas pelo Governo, para um regime pluripartidário, do qual, numa segunda fase, eu desejaria ver renascido um bipolarismo autêntico — um bipartidarismo, na prática, que não*



*seria um regime de apenas dois partidos existentes por imposição legal, mas dois partidos constituídos por um bipolarismo pragmático, como o existente nos Estados Unidos*<sup>86</sup>.

Relativamente aos desdobramentos da vida política nacional, Golbery teceu alguns comentários bastante atuais. Senão vejamos:

Sobre as elites:

*Eu também penso, como (Samuel) Huntington e, bem antes dele, (Arnold) Toynbee, que as elites precisam enfrentar desafios pela frente para que sejam capazes de manter a criatividade na condução dos negócios do País. Elite sem contestação acaba perdendo inteiramente o poder criador*<sup>87</sup>.

Mesmo percebendo que as etapas de centralização e descentralização admitiam limites variáveis para determinados estágios da evolução do Brasil, mostrou-se Golbery irredutível quanto à hipótese de legalização do *Partido Comunista*, justificando que a fácil identificação dos comunistas não seria útil ao País. Disse ele:

*O Partido Comunista na legalidade, com sua atuação mais ou menos tolerada, não fará com que se veja efetivo e real o braço oculto do Comunismo, e eles terão, então, a facilidade de combinar uma ação ostensiva e legal com uma ação clandestina e disfarçada, como sempre fazem. (...) acho até um absurdo que um partido, qualquer que ele seja, que pretenda alterar inteiramente os princípios básicos da Constituição, da própria tradição da nacionalidade brasileira, possa funcionar*<sup>88</sup>.

Prosseguindo, Golbery disse que todo conselheiro político deveria utilizar conceitos elásticos para, se necessário, compatibilizar opiniões divergentes ou reduzir atritos.

Assim, a participação da *Ala Esquerdista da Igreja* foi examinada com cautela. Ele acreditava que o problema era de difícil solução, justificando:

*(...) temos que admitir que esse partidarismo esquerdista aconteceu com organizações que não são partidárias, mas que acabaram sendo atores principais no campo político, até por falta de atuação dos próprios partidos e pelas dificuldades que os dois partidos (à época existentes) encontravam em sua atuação. (...) De fato, um dos problemas mais sérios que temos no Brasil é o do relacionamento do governo com a Igreja, mas não sou pessimista e acho que é preciso restabelecer o bom diálogo e ter paciência que o tempo permitirá chegar a um resultado favorável*<sup>89</sup>.

Mostrou-se implacável com o papel exercido pelas lideranças sindicais, observando que esse fato decorria da quase inexistência, naquele momento, de uma “elite sindical em condições de oferecer bom nível de atuação, sem *revanchismo ideológico*”<sup>90</sup>. Segundo ele, havia necessidade de líderes autênticos.

*(...) como o senhor Lula (Luiz Ignácio Lula da Silva) poderia ter sido. Francamente, achava-o um bom líder sindical, mas, no fim, acabou decepcionando — a mim pelo menos — atraído que foi para as atividades mais políticas que propriamente sindicais. Nosso sindicalismo sofre de males históricos que todos conhecemos, embora não creia que se deva falar tão mal assim das leis trabalhistas brasileiras. Mas o paternalismo do Governo no setor sindical — em grande parte originado dos moldes italianos que foram utilizados — tem, na realidade, admito isso, dificultado os posicionamentos das lideranças vigentes*<sup>91</sup>.

A (hipótese da) adoção do regime parlamentarista foi também examinada. Golbery acreditava que — *ao menos teoricamente* — não havia condições desfavoráveis ao funcionamento deste sistema político no Brasil; mas argumentava que, antes mesmo de se pensar nisso, seria necessário formar partidos melhor estruturados, com dosagem maior de *autenticidade* e *representatividade*, acrescentando que, em essência: “Parlamentarismo é Governo com predominância do Parlamento e o Parlamento (aqui interpretado pela ação dinâmica e constante das respectivas bancadas) são os partidos”<sup>92</sup>. Complementando:

*Não tenho predileção pelo Parlamentarismo. Acho que, de qualquer forma, é preciso haver um Executivo forte, sobretudo num país como o Brasil, um país em desenvolvimento, um país de território imenso e de problemas mil (...). De qualquer forma, o que me parece é que isso é um assunto do qual ainda devemos nos resguardar, aguardando um pouco a evolução do país para poder analisar isso convenientemente*<sup>93</sup>.

E mais: ao discorrer sobre a participação de alguns parlamentares, destacou o esforço empreendido por Petrônio Portella, a quem considerava “a mais alta expressão política do cenário nacional naqueles últimos anos”<sup>94</sup>. Acrescentou, a propósito, que o ex-presidente do Senado e (até pouco antes daquele momento) líder do partido governamental, além de articulador político do Governo, preenchia os requisitos para ser elevado à suprema magistratura da Nação, caso a morte não o tivesse surpreendido:

*(...) Estrategista político de raça, Petrônio Portella era emérito em atuar nesse ambiente de incerteza essencial, perspicaz no entrever qual a mais plausível alternativa de futuro e no enxergar de longe a balizar rumos bem definidos, prevendo a tempo os objetivos, ação e reação dos antagonistas*<sup>95</sup>.

Sobre a intromissão e/ou penetração das empresas transnacionais (tema esse atual na realidade brasileira, grifo do Autor), complementou:

*(...) devemos ter presente que o Brasil é um país de poupança bastante baixa e estamos, portanto, defronte a certo dilema quanto aos recursos para o desenvolvimento. Poderemos nós, com recursos próprios — qual o Barão de Munchausen, que quando entrava num atoleiro puxava pelo rabicho da cabeça e tirava o cavalo da lama — poderemos nós, apenas com recursos próprios, desenvolver o País? Sim. Mas vamos levar demasiado tempo. E passar por sacrifícios muito grandes! A poupança estrangeira, em certa medida, é indispensável para que asseguremos o próprio processo do desenvolvimento (...)*<sup>96</sup>.

Golbery apresentava uma percepção aguda sobre o papel do verdadeiro estadista; isto é: alguém que partia de um quase nada,

*Por vigorosa — quase direi sagrada — empatia com a alma popular em seus impulsos menores, ainda sem clara afirmação no âmago da vontade coletiva e, captando-os ainda em estado nascente, dá-lhes corpo coerente e conteúdo mais rico e com eles vem a inspirar, como que em promissora autofecundação, o próprio povo, para catequizá-lo e mobilizá-lo ao pragmatismo e dinamismo de ação efetiva*<sup>97</sup>.

Senso de responsabilidade, de proporção e paixão. Essas três qualidades, indissociáveis a um político, Golbery do Couto e Silva dispunha de sobra. Daí, até mesmo como consequência desse somatório de atributos, ter rejeitado a hipótese de candidatar-se à Chefia do Executivo por intermédio de eleição indireta.

Sabia, tinha plena convicção da resistência à indicação do seu nome em alguns setores das Forças Armadas. Certos militares de alta patente julgavam-no *moderado demais*.

Indagado, já no fim da vida, sobre essa possibilidade, concluiu:

*Eu só tenho compromisso com o meu passado de relativa coerência. Não tenho qualquer aspiração política e já dei larga e pesada cota de sacrifícios, palavra em que muita gente não acreditará*<sup>98</sup>.

## **Bibliografia**

### **1 - Obras de Golbery do Couto e Silva**

SILVA, Golbery do Couto e. *Conjuntura política nacional - O Poder Executivo e Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 3.ed., 1981, 273 p.

\_\_\_\_\_. *O planejamento estratégico*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2.ed. 1981, 536 p.

### **2 - Outras obras de referência**

ARGOLO, José A., FORTUNATO, Luiz Alberto, RIBEIRO, Kátia. *A Direita Explosiva no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996, 332 p.

BRANCO, Carlos Castello. *O Ato 5*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, 313 p.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1979, 116 p.

COMBLIN, Joseph. *A Ideologia da Segurança Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3.ed., 1980, 251 p.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta desarmado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 520.

DREIFUSS, René A. *1964 - A Conquista do Estado*. Rio de Janeiro: Vozes, 3.ed., 1981, 813 p.

MATTOS, Meira. *Brasil - Geopolítica e Destino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MOTA, Lourenço Dantas (Coord.). *História Vivida*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1981-1982, v.II, 366 p.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da República*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980, 160 p.

\_\_\_\_\_. *Oliveira Viana e o papel modernizador do Estado brasileiro*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1981. (Tese de Doutorado, reprografado, 192 p)

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*. São Paulo: Duas Cidades, 1978, 172 p.

\_\_\_\_\_. *Poder e Política: Crônica do Autoritarismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, 211 p.

SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do Autoritarismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Campos, 1982, 163 p.

SILVA, Hélio. *O Poder Militar*. Porto Alegre: L&PM, 1985. 565 p.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Presença de Alberto Torres, sua vida e pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 520 p.

STEPAN, Alfred. *Os militares, da Abertura à Nova República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 64-65.

TORRES, Alberto. *A Organização Nacional*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. 331 p.

\_\_\_\_\_. *O Problema Nacional Brasileiro, Introdução a um Programa de Organização Nacional*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. 133 p.

VIANA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras*. 3.ed., 2v. Rio de Janeiro: Record, 1974. 524 p.

### **3 - Hemerografia**

#### ***Agência Noticiosa Diários Associados***

GATTO, Coriolano. *Golbery/Constituinte*. (telegrama) 5 jul. 1986. Arquivo *O Dia*.

## **Folha de S. Paulo**

SCARTEZINI, A. C. *O irremovível Golbery*. Arquivo *O Dia*, s/data.

GÓES, Walder de. *Golbery no alto do Poder*. 18 fev. 1979, p.1, Caderno Especial.

*O maquiavélico fiador da abertura*. 7 ago. 1981, Primeiro Caderno.

*Para Golbery, abertura política se consolidou*. 25 set. 1981, Primeiro Caderno.

*SNI agiu fora de suas atribuições*. 29 mar. 1983, Primeiro Caderno.

*Golbery apóia ex-governador e não acredita em tertius*. 12 jul. 1983, Primeiro Caderno *Entrevista toca nervo exposto do Governo, dizem amigos de Golbery*. 10 ago. 1983, Primeiro Caderno.

*Golbery deixa as sombras e condena*. 4 mai. 1984, Primeiro Caderno.

SINGER, André. *Diretas já deveriam ter voltado há muito tempo*. 18 ago. 1984, Primeiro Caderno.

*General Golbery do Couto e Silva morre aos 76 anos*. 19 set. 1987, p.5.

GÓES, Walder de. *Golbery pensava a política como se fosse uma engenharia*. 19 set. 1987, p.A-7.

## **IstoÉ**

PINHEIRO, Paulo Sérgio, DIAS, Maurício. *De Golbery para o príncipe, com afeto*. 10 jun. 1981, p. 60-62.

*De conspirador a mágico da abertura*. 12 ago. 1981, p.20-22.

## ***Jornal do Brasil***

*Golbery diz que às vezes gostaria de falar mais.* 1 ago. 1975, Primeiro Caderno.

*Golbery quer desenvolver setores político e social.* 22 ago. 1978, Primeiro Caderno.

BRANCO, Carlos Castello. *Os poderes de Golbery.* 8 mai. 1980, p.2, Primeiro Caderno.

RODRIGUES, José Honório. *Tese e prognóstico.* 26 abr. 1981, p.1-2, Caderno Especial.

*Golbery reconhece que atentados são contra governo e democracia.* 29 ago. 1981, Primeiro Caderno.

*Amigos de Golbery dizem que ele deseja recompor os deserdados do poder.* 11 set. 1981, Primeiro Caderno.

*Geisel examinou hipóteses.* 19 set. 1981, Primeiro Caderno.

*General não critica reforma eleitoral.* 25 set. 1981, Primeiro Caderno.

*Golbery garante calma e só lamenta doença de Figueiredo.* 25 set. 1981, Primeiro Caderno.

*A Bíblia do chefe militar dos anos 60.* 13 fev. 1982, Primeiro Caderno.

CARDOSO, Teresa. *Golbery intensifica suas conversas com políticos.* 31 jul. 1983, Primeiro Caderno.

*Golbery tem com Tancredo um encontro de trabalho.* 3 ago. 1983, Primeiro Caderno.

BARROSO, Jadir. *Golbery condena reeleição e elogia Aureliano.* 4 ago. 1983, Primeiro Caderno.

*Figueiredo sente só decepção com entrevista.* 9 ago. 1983, Primeiro Caderno.

*Golbery pede desculpas a Antônio Carlos.* 9 ago. 1983, Primeiro Caderno.

*Médico admite que Golbery corre risco de vida.* 14 jan. 1984, Primeiro Caderno.

CANTANHEDE, Eliane. *Golbery acha que é hora de acelerar a campanha.* 17 set. 1984, Primeiro Caderno.

*Golbery errou? Ele próprio analisa a sorte de Maluf.* 9 dez. 1984, Primeiro Caderno.

*Golbery exalta amadurecimento.* 23 abr. 1985, Primeiro Caderno.

### ***O Estado de S. Paulo***

*Casa civil.* 22 fev. 1974.

FERREIRA, Oliveiros S. *Geopolítica do Brasil.* 19 jul. 1981, p. 8-9. (Caderno de Cultura, n.58).

CHAGAS, Carlos. *Golbery, a silenciosa figura do poder.* 26 jul. 1981, Primeiro Caderno.

*Golbery acompanha a sucessão presidencial.* 6 mai. 1982, Primeiro Caderno.

*Um estrategista em vários governos.* 7 ago. 1982. p.5, Primeiro Caderno.

*Para Golbery, eleição é coroamento da abertura.* 12 nov. 1982, Primeiro Caderno *Para político, é o rompimento.* 11 mai. 1983. Primeiro Caderno.

*As maquinações de Golbery.* 11 ago. 1983, Primeiro Caderno.

*Andreazza: discordo da opinião de Golbery.* 17 ago. 1983, Primeiro Caderno.



*Golbery não acredita em entendimento.* 4 mai. 1984, Primeiro Caderno.

*Quería Golbery preso.* 11 jan. 1985, Primeiro Caderno.

PINTO, José Nêumanne. *O poder como estilo de vida.* 19 set. 1987, p.5.

### **O Globo**

*Senado ouve a resposta de Golbery.* 12 out. 1978, Primeiro Caderno.

*Golbery, o capitão silencioso que comanda um exército de generais.* 20 jan. 1979, Primeiro Caderno.

*Governadores e ministro com Golbery.* 12 ago. 1981, Primeiro Caderno.

*Ex-ministro defende sistema indireto mais democrático.* 4 ago. 1982, Primeiro Caderno.

*Golbery I, II, III.* Ago. 1983, Primeiro Caderno.

*Golbery volta a falar sobre sucessão.* 19 ago. 1983, Primeiro Caderno

*Marchezan diz que em matéria de diálogo quem mudou foi Golbery.* 14 mai. 1984, Primeiro Caderno.

*Golbery: diretas deveriam ter sido fixadas por Médici.* 18 ago. 1984, Primeiro Caderno.

### **Tribuna da Imprensa**

FERNANDES, Hélio. *Onde está Golbery está certamente o golpe.* 6 nov. 1984, Primeiro Caderno.

FRANCIS, Paulo. *Confissões de um jornalista.* 28 fev. 1987, Primeiro Caderno.

### **Veja**

*O inimigo predileto.* 18 out. 1978, p.29-30.

*Golbery e sua misteriosa força palaciana.* 22 ago. 1979.

GASPARI, Élio. *O fabricante de nuvens.* 19 mar. 1980, p. 22-24.

\_\_\_\_\_. *O feiticeiro desistiu.* 12 ago. 1981, p. 20-33.

*Improvisos de Golbery.* 19 ago. 1981.

*Golbery revela que o sítio já foi atacado.* 30 mar. 1983.

*Um bruxo na sucessão.* 17 ago. 1983, p.38-41.

GASPARI, Élio. *O momento de falar.* 16 mai. 1984, p. 8-13.

\_\_\_\_\_. *Os papéis secretos de Golbery.* 23 set, 1987, p. 20-31.

## **Notas:**

<sup>1</sup> SILVA, Hélio. *O Poder Militar*, p. 274-275.

<sup>2</sup> SILVA, Golbery do Couto e. *De conspirador a mágico da abertura.* IstoÉ, 12 ago.1981, p. 20-21.

<sup>3</sup> DREIFUSS, René. 1964 - *A conquista do Estado*, p. 186.

<sup>4</sup> PAIVA, Glycon. *De conspirador a mágico da abertura.* IstoÉ. 12 ago.1981, p.21.

<sup>5</sup> DREIFUSS, René. *Ibidem.* p. 192-192.

<sup>6</sup> DREIFUSS, René. *Ibidem.* p. 363. Sobre a participação dos militares no IPES, acentuou o historiador e cientista político: “O general Golbery rodeou-se de um grupo de jovens e talentosos oficiais, entre os quais o capitão Heitor de Aquino Ferreira, os tenentes-coronéis Gustavo Moraes Rego, Rubens Resteel, João Baptista Figueiredo (primo do líder do IPES, João Baptista Leopoldo Figueiredo e irmão dos tenentes-coronéis Diogo e Euclides Figueiredo), os majores Leônidas Pires Gonçalves, Danilo Venturini, Octávio Aguiar de Medeiros, coronel Ivã Perdigão e outros oficiais que trabalhavam na administração oficial ou que estavam na Reserva”. Dreifuss acrescenta que, no conjunto dos que auxiliavam Golbery, o tenente-coronel João Baptista Figueiredo foi essencial na liderança de um amplo círculo de oficiais de médio escalão. Esses oficiais faziam parte do comando operacional da campanha para o golpe e permitiram que o general Jurandir de Bizarria Mamede (um dos fundadores da Escola Superior de Guerra), um conspirador histórico e chefe da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, agisse como um verdadeiro chefe das operações, fornecendo-lhes as bases hierárquicas e operacionais necessárias.

<sup>7</sup> NASSIF, Luiz. *Golbery deixa as sombras e condena.* Folha de S. Paulo, 14 mai. 1984.

<sup>8</sup> NASSIF, Luiz. *Ibidem.*

<sup>9</sup> NASSIF, Luiz. *Ibidem.*

- 10 NASSIF, Luiz. *Ibidem*.
- 11 LACERDA, Carlos. De conspirador a mágico da abertura. *IstoÉ*, 12 ago.1981, p.21.
- 12 LACERDA, Carlos. De conspirador a mágico da abertura. *IstoÉ*, 12 ago.1981 (na época, devido a estratégias comerciais, alguns diários do País não circulavam às segundas-feiras).
- 13 O fabricante de nuvens. *Veja*, 19 mar.1980, p.22.
- 14 GÓES, Walder de. Golbery no alto do Poder. *Folha de S. Paulo*, 18 fev.1979, p. 1.
- 15 FERNANDES, Hélio. Onde está Golbery está certamente o golpe. *Tribuna da Imprensa*, 6 nov.1984.
- 16 FERNANDES, Hélio. *Art. cit.*
- 17 SCARTEZINI, A. C. O irremovível Golbery. *Folha de S. Paulo* (arquivo de O Dia, s/data).
- 18 GEISEL, Ernesto. O fabricante de nuvens. *Veja*, 19 mar.1980, p. 22.
- 19 SILVA, Golbery do Couto e. O fabricante de nuvens. *Veja*, 19 mar.1980, p. 27.
- 20 CHAGAS, Carlos. A silenciosa figura do Poder. *Folha de S. Paulo*, 26 jul.1981.
- 21 CHAGAS, Carlos. *Art. cit.*
- 22 CHAGAS, Carlos. *Art. cit.*
- 23 GATTO, Coriolano. Golbery/Constituinte. *Agência Noticiosa Diários Associados*, 5 jul.1986.
- 24 O feiticeiro desistiu. *Veja*, 12 ago.1981, p. 21.
- 25 Declarações de ROMANO, Guilherme in. O feiticeiro desistiu. *Veja*, 12 ago.1981, p.22.
- 26 O feiticeiro desistiu. *Veja*, 12 ago.1981.
- 27 NEVES, Tancredo. Sucessão no Planalto. *IstoÉ*, 12 ago.1981, p.13.
- 28 SILVA, Golbery do Couto e. O momento de falar. (entrevista a Élio Gaspari) *Veja*, 16.mai.1984, p. 8.
- 29 SILVA, Golbery do Couto e. O momento de falar (entrevista a Élio Gaspari). *Veja*, 16 mai.1984, p. 8-9.
- 30 SINGER, André. Diretas Já deveriam ter voltado há muito tempo. *Folha de S. Paulo*, 18 abr.1984.
- 31 SILVA, Golbery do Couto e. Golbery exalta amadurecimento. *Jornal do Brasil*, 23 abr.1985.
- 32 GATTO, Coriolano. *Agência Noticiosa Diários Associados*, telegrama citado.
- 33 REGO, Moraes. Golbery quer desenvolver setores político e social. *Jornal do Brasil*, 22 ago.1978 (Pesquisa JB).
- 34 FERREIRA, Oliveiros S. Geopolítica do Brasil. O Estado de S. Paulo, *Caderno de Cultura*, 19 jul. 1981, p. 8.
- 35 SILVA, Golbery do Couto e. Geopolítica do Brasil, p. 7.
- 36 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 7.
- 37 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 7.
- 38 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 8.
- 39 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 9.
- 40 SILVA, Golbery do Couto e. De conspirador a mágico da abertura. *IstoÉ*, 12 ago.1981, p.21.
- 41 SILVA, Golbery do Couto e. Um bruxo na sucessão. *Veja*, 17 ago.1983, p. 40.

- 42 ROCHA, Glauber. Um bruxo na sucessão. *Veja*, 17.ago. 1983, p. 40.
- 43 FRANCIS, Paulo. Confissões de um jornalista. *Tribuna da Imprensa*, 28.set.1987, p. 1.
- 44 FRANCIS, Paulo. Art. cit.
- 45 SARDEMBERG, Idálio. A ESG queria chegar à segurança pelo desenvolvimento. Entrevista a MOTA, Lourenço Dantas, PEREIRA, Antonio Carlos e LISBOA, Luiz Carlos in *A História Viva* (O Estado de S. Paulo), v. 2, p. 366.
- 46 SILVA, Golbery do Couto e. O fabricante de nuvens. *Veja*, 19 mar. 1980, p. 31.
- 47 KLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*, p. 116.
- 48 SILVA, Golbery do Couto e. Golbery diz que às vezes gostaria de falar mais. *Jornal do Brasil*, 1 ago.1975.
- 49 Élio Gaspari, por certo, um dos mais conceituados jornalistas brasileiros, recebeu aproximadamente dez mil recortes (de jornais e revistas), bem como cópias de documentos chancelados pelo próprio general Golbery do Couto e Silva.
- 50 RODRIGUES, José Honório. Tese e Prognóstico. *Jornal do Brasil*, 26 abr.1981, p.1(Caderno Especial).
- 51 SILVA, Golbery do Couto e. O fabricante de nuvens. *Veja*, 19. Mar.1980, p. 29.
- 52 CANTANHEDE, Eliane. O agradecimento do ministro. *Jornal do Brasil*, 17 set.1984.
- 53 CANTANHEDE, Eliane. Art. cit.
- 54 CANTANHEDE, Eliane. Art. cit.
- 55 CANTANHEDE, Eliane. Art. cit.
- 56 FIGUEIREDO, João Batista de Oliveira. Desacordo causou saída, diz Figueiredo. *Folha de S. Paulo*, 19 set.1987, p. A-7.
- 57 YOFFE, Adolf Abramovich. Carta a Leon Trotsky. In DEUTSCHER, Isaac, *O profeta desarmado*, p. 401-402.
- 58 PINTO, José Nêumanne. O Poder como estilo de vida. *O Estado de S. Paulo*, 19 set.1987, p.5.
- 59 PINTO, José Nêumanne. Art. cit.
- 60 SILVA, Golbery do Couto e, *Conjuntura política nacional - o Poder Executivo e Geopolítica do Brasil*, p. 12.
- 61 CHAGAS, Carlos, Golbery, a silenciosa figura do poder, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 jul., 1981.
- 62 CHAGAS, Carlos, art. cit.
- 63 ARNS, D. Paulo Evaristo, Para Sarney, general é personagem da História do País, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 set., 1987, p.A-7.
- 64 SKIDMORE, Thomas, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 set., 1987, p.A-7.
- 65 HUNTINGTON, Samuel, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 set., 1987, p.A-7.
- 66 RODRIGUES, José Honório, Tese e prognóstico, *Jornal do Brasil*, *Caderno Especial*, Rio de Janeiro, 26 abr., 1981, p.1.
- 67 RODRIGUES, José Honório, art. cit. p. cit.
- 68 RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez, Oliveira Vianna e o papel modernizador do Estado Brasileiro, p.185.

- 69 SILVA, Golbery do Couto e, *Conjuntura Política Nacional - O Poder Executivo e Geopolítica do Brasil*, p.28.
- 70 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p.32.
- 71 RODRIGUEZ, Ricardo Vélez, *Oliveira Vianna e o papel modernizador do Estado Brasileiro*, p.186.
- 72 RODRIGUEZ, Ricardo Vélez, *op. cit.*, p.186.
- 73 RODRIGUEZ, Ricardo Vélez, *op. cit.*, p.187.
- 74 RODRIGUES, José Honório. *Ibidem*.
- 75 RODRIGUES, José Honório. *Ibidem*.
- 76 RODRIGUES, José Honório. *Ibidem*.
- 77 RODRIGUES, José Honório. *Ibidem*.
- 78 RODRIGUES, José Honório. *Ibidem*.
- 79 RODRIGUES, José Honório, *art. cit.*, p.2.
- 80 COSTA, Rubens Vaz da, citado por RODRIGUES, José Honório, in *Tese e prognóstico*, p.2.
- 81 SILVA, Golbery do Couto e. *O planejamento estratégico*, p. 503.
- 82 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 501.
- 83 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 501.
- 84 VIANA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras*, v. 2, p. 79.
- 85 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 509.
- 86 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 509.
- 87 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 509.
- 88 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 531.
- 89 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 521.
- 90 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 521.
- 91 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 521.
- 92 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p.527.
- 93 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p.527.
- 94 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p.457
- 95 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 460.
- 96 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 516.
- 97 SILVA, Golbery do Couto e. *Ibidem*, p. 457.
- 98 PINTO, José Nêumanne. *O poder como estilo de vida. O Estado de S. Paulo*, 19 set.1987, p. 5.